

19 de Agosto

**Dia do Orgulho Lésbico
no Brasil**



Miriam Martinho, 55 anos, nasceu no Rio de Janeiro, mas cresceu em São Paulo, estudou música e artes plásticas e formou-se em tradução, pela Associação Alumni, e em Letras pela Universidade de São Paulo. É uma das fundadoras do Movimento Lésbico no Brasil, tendo organizado as primeiras entidades lésbicas brasileiras, a saber, Grupo Lésbico-Feminista (1979-1981), Grupo Ação Lésbica-Feminista (1981-1989) e Rede de Informação Um Outro Olhar (1989....). Fundou também, com outros ativistas, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis -ABGLT (Curitiba, jan. 1985).

Editou igualmente as primeiras publicações lésbicas do país, como o fanzine ChanacomChana (1982-1987) e o boletim e posterior revista Um Outro Olhar (1987 até 2002). Editou ainda o boletim *Ousar Viver*, sobre saúde lésbica, de 1996 a 2002. Atualmente edita o site Um Outro Olhar On-Line (2004-2009) <http://www.umoutroolhar.com.br>, e o blog Contra o Coro dos Contentes <http://contraocorodoscontentes.blogspot.com/>. Colabora também com o blog *Memória MHB/MLGBT* <<http://memoriамhb.blogspot.com/>>. Encaminhou além disso, pela Rede de Informação Um Outro Olhar, o primeiro projeto sobre saúde lésbica, no Brasil, em 1995.

Desde o início de sua militância, participou de encontros e eventos históricos tanto do Movimento Homossexual Brasileiro (hoje MLGBT) e do Movimento Feminista quanto do incipiente Movimento Lésbico internacional, com destaque para @s: I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), II Congresso da Mulher Paulista, primeira passeata homossexual contra a repressão policial em São Paulo (13/06/80), primeira manifestação lésbica contra o preconceito (São Paulo, 19/08/83), 8ª Conferência do Serviço de Informação Lésbica Internacional (ILIS), em Genebra, na Suíça (março de 1986), I Encontro Lésbico-Feminista Latino-americano e do Caribe (México, 1987), VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais (EBLHO), em Cajamar, SP (set/1993)¹; 17ª Conferência da ILGA (Associação Gay e Lésbica Internacional), de 18 a 25 de junho de 1995, e o XIX Encontro Brasileiro de Gays Lésbicas e Travesti (XIX EBGLT, SP, jan. 1997) de onde se originou a primeira passeata do MGLBT, em São Paulo, desde a histórica manifestação de 13 de junho de 1980.

Atualmente se dedica, além da produção de artigos para páginas da Web, ao resgate da história da organização lésbica e do Movimento de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (MLGBT) brasileiros, com o projeto **Movimento sem Memória não faz História**, do qual este trabalho faz parte.

¹ Nos VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais (EBLHO) e XIX Encontro Brasileiro de Gays Lésbicas e Travesti participou como organizadora.

SUMÁRIO

19 DE AGOSTO – DIA DO ORGULHO LÉSBICO NO BRASIL	4
Memória: Pra você que frequenta o Ferro's	6
Memória: Democracia também para lésbicas: uma luta no Ferro's Bar	8
Memória: A democracia depende de nós	13
Memória: Moção nº 248/83 (apoio da Câmara Municipal de São Paulo) ...	14
ROSELY ROTH- (21/08/59-28/08/90)	15
Memória: Indicação ao Felipa de Souza Award	16
Memória: Rosely Roth (currículo)	17
40 ANOS DE MOVIMENTO LÉSBICO	18
Memória: Lésbicas em Movimento (cronologia do Movimento Lésbico) ...	27
Glossário de termos lésbicos	39
Bibliografia	39

Índice das ilustrações

Figura 1- Neusa Maria de Jesus e Luiza Granado em matéria para a Folha de São Paulo	4
Figura 2 – Rosely Roth denuncia as atitudes discriminatórias do bar.	8
Figura 3 - Cassandra Rios, Irede Cardoso, Ubiratan da Costa e Silva e Rosely Roth no Ferro's Bar (São Paulo/SP, set. 1986)	15
Figura 4- Rosely Roth. Notícias Populares, SP (04/06/85)	17
Figura 5 - Barradas pelo porteiro	19
Figura 6 - Reunindo forças.	19
Figura 7 - Forçando a entrada.	19
Figura 8 - Com uma pequena ajuda do amigo.	20
Figura 9 - Denunciando a discriminação.	20
Figura 10 - Livre para vender o boletim.	21
Figura 11 - Vereadora Irede Cardoso discursa pela liberdade democrática também no Ferro's Bar.	21
Figura 12- Lésbicas de todo o mundo na 8ª Conferência do Serviço de Informação Lésbica Internacional (1986)	22
Figura 13 - Dykes cruzando as fronteiras. Ninguém vai nos dividir.	23

19 de Agosto Dia do nossorgulho



Figura 1- Neusa Maria de Jesus e Luiza Granado em matéria para a Folha de São Paulo

Em homenagem à ativista Rosely Roth, a Rede de Informação Um Outro Olhar decidiu propor o dia 19 de agosto, dia da primeira manifestação lésbica contra o preconceito e a discriminação, ocorrida no Ferro's bar (São Paulo, 19/08/1983), da qual Rosely fora protagonista, como Dia do Orgulho Lésbico Brasileiro, no final de 2001.² Em 2003, as ativistas Luiza Granado e Neusa Maria de Jesus, então da Rede de Informação Um Outro Olhar e da Associação da

Parada do Orgulho GLBT, trabalhando na formação de uma secretaria de lésbicas dentro da associação, para dar destaque à questão lésbica nos eventos comemorativos da 7ª parada do orgulho LGBT daquele ano, organizaram um debate específico sobre a questão lésbica (11/06/2003) e, durante o mesmo, lançaram publicamente o Dia do Orgulho Lésbico, dia 19 de agosto. O dia foi lançado tendo em vista estabelecer uma referência histórica de luta e orgulho para lésbicas que de fato pudesse vir a ser comemorada. Como na versão original da manifestação, a Folha de São Paulo fez uma reportagem sobre o assunto, desta feita com Luiza Granado e Neusa Maria de Jesus, pauta que foi, como de costume, reproduzida por outros jornalistas e outros veículos da mídia, dando uma grande divulgação à iniciativa.³ E em 19 de junho de 2008, a Assembléia Legislativa paulista aprovou projeto que instituiu o Dia do Orgulho Lésbico no Estado de São Paulo.

Desde agosto de 2003, portanto, o dia 19 de agosto vem sendo lembrado com diferentes tipos de atividades sociais, culturais e políticas.⁴ Neste ano, tendo em

² Rosely Roth (21/08/59- 28/08/1990). In: **Um Outro Olhar**, n. 33, Ano 14, outubro-dezembro de 2001, p. 8.

³ Repercussão do 19 de agosto na imprensa. Disponível em:

<http://www.umoutroolhar.com.br/simbolos&dias_repercussaoimprensa.htm> Acesso em: 15 de julho de 2009

⁴ Orgulho lésbico: Disponível em: <<http://www.umoutroolhar.com.br/simbolos&dias.htm>> Acesso em: 15 de julho de 2009

vista também o marco de 30 anos do início da organização lésbica no Brasil (1979-2009), além de outras atividades comemorativas, decidimos lembrar o dia com este livreto que resgata, com fotos e registros originais de época, aquele momento histórico e também a trajetória do Movimento Lésbico nacional e internacional desde seus primeiros passos.

Assim resgatamos, numa parte, o panfleto que foi distribuído para as frequentadoras do Ferro's, informando da proibição da venda do boletim do GALF naquele estabelecimento; a matéria posterior à manifestação, elaborada pela jornalista Vanda Frias, integrante do GALF, que faz um bom resumo de todo o acontecido; outro panfleto do GALF também distribuído no Ferro's em agradecimento a todas as pessoas que colaboraram com o sucesso da manifestação e a moção de repúdio aos donos do bar, pelas ações discriminatórias, e de apoio às integrantes do GALF, feita pela Câmara Municipal de São Paulo em 19 de março de 1984. Anexamos também as fotos do evento que marcam os principais momentos da manifestação.

Na segunda parte deste trabalho, resgatamos a memória de Rosely Roth e de suas atividades em prol dos direitos das lésbicas brasileiras e, na terceira, a trajetória do jovem Movimento Lésbico internacional e uma cronologia do mesmo.

Naturalmente, não pretendemos esgotar o resgate das memórias históricas da organização lésbica nacional e internacional com este trabalho, que já se coloca de antemão aberto a novas inserções, mas sim esperamos trazer referências históricas e culturais, comuns a vários outros trabalhos congêneres, para as novas gerações que parecem desconhecê-las.

Conscientes de que um movimento sem memória não só não faz história como tende a repetir os erros do passado, principalmente por haver um clima atual referendando o clichê marxista de que a História se repete como farsa, esperamos ainda que este trabalho possa contribuir para fazer os ponteiros do relógio retomarem o sentido horário de alguma maneira, em algum dia.

Míriam Martinho

São Paulo, 18 de julho de 2009

PRA VOCÊ QUE FREQUENTA O FERRO'S

BEM, GENTE, ACHO QUE CHEGOU A HORA DE FALARMOS ABERTAMENTE. CHEGA DE SUBTERFÚGIOS. E VOCÊ QUE É UMA PESSOA INTELIGENTE HÁ DE CONVIR COMIGO QUE TEMOS QUE NOS UNIR, POIS SÓ A UNIÃO FAZ A FORÇA. NÃO QUEREMOS QUE VOCÊ EMPUNHE A BANDEIRA DE HOMOSSEXUAL CONTRA A SUA VONTADE, MAS GOSTARÍAMOS QUE VOCÊ OLHASSE PARA DENTRO DE VOCÊ E VISSE O QUANTO GENTE VOCÊ É, QUE SER HUMANO MARAVILHOSO SE ESCONDE ATRÁS DE UMA MÁSCARA, BRINCANDO DE FAZ DE CONTA.

FAZ DE CONTA QUE SOU TRATADA IGUALMENTE COMO TODAS AS PESSOAS.

FAZ DE CONTA QUE O RESTAURANTE QUE EU FREQUENTO ME RESPEITA COMO EU MEREÇO.

FAZ DE CONTA QUE A SOCIEDADE ME ENCARA SEM PRECONCEITO.

FAZ DE CONTA ATÉ QUANDO?

VOCÊ SABIA QUE COLEGAS SUAS, SERES HUMANOS COMO VOCÊ, SÃO POSTAS PARA FORA DE NOSSO MEIO COMO SERES LEPROSOS? VEJA, POR EXEMPLO, O QUE ACONTECEU NA NOITE DO SÁBADO PASSADO, DIA 23 DE JULHO, SÓ PORQUE UMAS MENINAS ESTAVAM VENDENDO SEU BOLETIM O CHANACOMCHANA, NUM CERTO BAR QUE CONHECEMOS, O DONO DO BAR E OS SEGURANÇAS QUERIAM EXPULSÁ-LAS À FORÇA SÓ PORQUE O BOLETIM FALA DAS NOSSAS VIDAS CLARAMENTE, SEM VERGONHA OU MEDO E ATÉ COM MUITO ORGULHO. E É SÓ POR ISSO MESMO, JÁ QUE, NO MESMO DIA, O EXÉRCITO DA SALVAÇÃO ESTAVA VENDENDO SEU JORNAL PARA NOS LIVRAR DO "PECADO" E NINGUÉM O INCOMODOU. NESSA NOITE, QUISERAM EXPULSAR AS COLEGAS, MAS NÓS NÃO DEIXAMOS E ELAS FICARAM, JANTARAM E PAGARAM A CONTA COMO SEMPRE COSTUMAM FAZER, POIS, PRA UNS E OUTROS, EMBORA NÃO PASSEMOS DE CÃES SARNENTOS, NOSSO DINHEIRO NÃO TRANSMITE NOSSA DOENÇA. E ELAS SABEM FAZER BOM USO DELE, NA COMPRA DO CARRO ZERO KW, NO ESTUDO DO FILHO NO EXTERIOR, ETC.

QUEREMOS TER OS MESMOS DIREITOS DAS OUTRAS PESSOAS, NÃO SÓ SEUS DEVERES. E PRECISAMOS COMEÇAR A BATALHAR POR ISSO A PARTIR DOS LUGARES QUE FREQUENTAMOS E SUSTENTAMOS. OU NÓS NOS UNIMOS OU CENAS COMO A DO SÁBADO PASSADO CONTINUARÃO A OCORRER E PODERÁ SER COM QUALQUER UMA DE NÓS POR QUALQUER MOTIVO. NOSSAS COLEGAS ESTÃO PROIBIDAS DE ENTRAR NO FERRO'S PORQUE QUEREM VENDER UM BOLETIM QUE TAMBÉM É NOSSO E PORQUE QUEREM CONVERSAR CONOSCO. VAMOS ADMITIR ESSA PROIBIÇÃO?

GUARDE E PENSE COM CALMA. EM CASA. REFLITA, FAÇA UMA AUTO-ANÁLISE, SE POSSÍVEL RELEIA ESTE TEXTO COM BASTANTE ATENÇÃO E, SE VOCÊ NÃO SE IMPORTA CONSIGO MESMA, JOGUE FORA E FAÇA DE CONTA QUE NADA LEU. CASO CONTRÁRIO NOS PROCURE. NOSSO ENDEREÇO É RUA AURORA, 736, APTO 10, E DEIXE O SEU RECADO. CASO CONTRÁRIO, PROTESTE CONTRA A PROIBIÇÃO DE NOSSA ENTRADA COM O DONO DO BAR. E, CASO CONTRÁRIO, NOS APOIE QUANDO FORMOS VENDER O BOLETIM CHANACOMCHANA.

PARTICIPE NA LUTA CONTRA O PRECONCEITO QUE NOS DISCRIMINA, POIS TODA MANEIRA DE AMOR VALE A PENA.

GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA
CX.POSTAL 62,618, CEP 01000, SP
JULHO DE 1983

(texto digitalizado do folheto original distribuído no Ferro's Bar- acervo Rede de Informação Um Outro Olhar)

Democracia também para lésbicas: uma luta no Ferro's Bar

Vanda Frias



Figura 2 – Rosely Roth denuncia as atitudes discriminatórias do bar. Ovídio Vieira/Um Outro Olhar

O dia 19 de agosto é muito especial para o Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF) e para as lésbicas que freqüentam o Ferro's — antigo e velho bar situado quase no Bexiga, bairro dos mais badalados da noite de Sampa.

O frio que baixa na cidade não impede que o "happening" político organizado pelo GALF seja um sucesso. Por volta das nove da noite, as militantes do grupo e mais alguns companheiros do **Outra Coisa** Ação Homossexualista, formado por homens, continuam a distribuir na frente do famoso bar um panfleto denunciando as agressões que o GALF vinha sofrendo há meses, quando tentava vender seu boletim ChanacomChana dentro do Ferro's. Um pouco mais tarde, começam a "invadir" o bar figuras um tanto estranhas para suas fiéis frequentadoras: mulheres "diferentes", rapazes de barba e lindos paletós de couro (desses que a gente costuma ver nas manifestações tradicionais da esquerda), bichas finérrimas.

Dentro, a maior confusão. Como sempre acontece no Ferro's, há poucas mesas para suas frequentadoras, que são obrigadas a se espremer nos estreitos espaços

livres, à espera de que a sorte lhes premie com um lugar. Num dia especial, então, os garçons são obrigados a fazer verdadeiros malabarismos para chegar com suas bandejas sãs e salvas até a mesa que fez o pedido.

Mas não é só isso. O atarracado porteiro -- sempre tão agressivo com as militantes do GALF — segura firme a porta fechada para garantir que nenhuma dessas “perigosas” mulheres invada tão imaculado recinto. À medida que se aproxima o histórico momento, a força estranha que já havia invadido o bar explode aos gritos de: “entra”, “entra”, “entra”. Numa das mesas, a vereadora Irede Cardoso (do PT) discursa aos berros sobre a luta pelas liberdades democráticas inclusive para as lésbicas.

Chega a hora: entre os *flashes* dos fotógrafos, as militantes do GALF - e outras pessoas que ainda estão pra fora — forçam a porta do bar, que o porteiro, agora ajudado por outros defensores da “paz e da ordem”, segura como pode.

O inesperado — ou mais uma artimanha de um dos alegres rapazes da banda — precipita tudo. O boné do porteiro é arrancado e jogado longe. Enquanto ele busca tão importante signo de seu poder, duas mulheres puxam-no para o lado oposto. Aproveitando-se desse inusitado embate, as lésbicas do GALF entram. Uma delas, Rosely, sobe imediatamente sobre uma cadeira e começa a denunciar as atitudes autoritárias do bar.

LÉSBICAS EM BUSCA DE UMA ENTRADA

O que Rosely denuncia começara há quase dois meses. Todos os sábados, quando íamos vender o boletim ChanacomChana no Ferro’s éramos agredidas pelo porteiro — com ameaças ou com puxões de braço para que nos retirássemos. Até que no dia 23 de julho último, a barra pesou mais: um dos donos do bar, seu segurança e seu porteiro tentaram concretizar a expulsão, através de agressões físicas. Enquanto nos puxavam para o lado de fora, parte das lésbicas — que compram o boletim e conversam com as moçoilas do GALF - nos segurava lá dentro. Belo corpo-a-corpo: dos que tem a força da ordem e da lei contra as que ganharam no dia-a-dia uma força física e interior para poder viver numa sociedade onde a regra é ser heterossexual. Quem foge desse padrão é pervertida (o), louca (o), imatura (o) sexualmente e definitivamente não merece compartilhar das benesses desse paraíso terrestre.

Alegando que nós estávamos fazendo “arruaça” dentro de tão comportado ambiente, o dono chamou a policia. Os policiais chegaram, ouviram as argumentações do dono, as nossas, as das lésbicas não militantes que nos apóiam. E estranhamente um deles respondeu que, como deviam ser imparciais,

pois os direitos são para todos os brasileiros, não tomariam qualquer atitude contra nós. Puxaram o carro e pudemos jantar em meio às outras lésbicas, como sempre fazemos. Há também dias — ainda raríssimos — que são da caça e não do caçador.

Foi uma vitória. Depois dela muitas discussões no GALF. Já estávamos cheias de sermos agredidas injustamente e pensávamos que o incidente podia se repetir mais vezes, talvez com mais apoio da polícia. Não queríamos ficar na defensiva. Precisávamos reconquistar nosso direito de vender o ChanacomChana no Ferro's. Não só vendê-lo mas conversar com as lésbicas dos mais distintos estratos sociais e vivências pessoais. Não somos e não queremos ser elite ou vanguarda.

A militância política de esquerda sempre foi reprimida. Mas sempre compensada pela certeza de se estar lutando por um mundo melhor e de se estar fazendo história. Mas as (os) militantes da esquerda não enfrentam, no seu dia-a-dia, as dificuldades das lésbicas e das feministas mesmo quando heterossexuais. São olhadas com certo deboche e feridas com agressões verbais por estarem numa luta menor, num combate não-prioritário. Boa parte da esquerda ainda nos olha dessa forma. Mas não poderia ser de outro jeito numa sociedade falocrata, onde as mulheres nunca tiveram direitos, só deveres-- e quantos. É lógico que - quando algumas buscam resgatar seu passado, para que o presente e o futuro sejam diferentes, sejam vistas como as feiticeiras queimadas na Idade Média por estarem à frente de seu tempo.

Processo semelhante acontece com os negros em sociedades racistas como a brasileira. Ou com os índios, que eram muitas nações nesse Brasil antes da invasão do branco colonizador. E que foram— e ainda são — gradualmente confinados em regiões desabitadas (guetos?). Nessa terra de Vera Cruz que já foi só deles.

São as chamadas "minorias", mais uma palavra que esconde o verdadeiro nome: grupos oprimidos. Nós do GALF queremos ajudar a romper com essa história. Por isso, resolvemos reconquistar o Ferro's com a ajuda de homens homossexuais, mulheres feministas, ativistas dos direitos civis e militantes ou políticos dos partidos de oposição mais identificados com as lutas das minorias.

Por sermos um grupo autônomo, o GALF é aberto às lésbicas dos mais diferentes horizontes políticos. Ao contrário de alguns outros grupos feministas, o GALF não aceita a chamada dupla militância: isto é, batalhar dentro de um grupo e, ao mesmo tempo, dentro de um partido político. Pensamos que a dupla militância foi um dos principais fatores de enfraquecimento dos grupos feministas nos últimos anos particularmente com as eleições de 1982.

Isso não impede que busquemos ótimas relações com os partidos de oposição — PMDB, PT e PDT — pois nossas lutas se cruzam em alguns pontos essenciais, como é o caso da luta pelas liberdades democráticas. Por isso, fizemos questão de convidar, para o happening político do Ferro's, a deputada Ruth Escobar (PMDB), a vereadora Irede Cardoso (PT), o deputado federal Eduardo Suplicy (PT) e a bancada do PT na Assembléia Legislativa através de carta endereçada ao líder de sua bancada, Marco Aurélio Ribeiro. Como apoio na área legal, convidamos a advogada Zulaiê Cobra Ribeiro (representante da Ordem dos Advogados do Brasil e da Comissão de Direitos Humanos).

Batalhamos na organização do "happening" do 19 de agosto durante quase um mês, enquanto distribuíamos no gueto um panfleto denunciando a atitude do Ferro's, que não é isolada. Com a reconquista do Ferro's, buscávamos também lutar pelo legítimo direito de circular livremente em todos os locais.

RESGATE DE UMA HISTÓRIA

Ao contrário de outras ocasiões, quando nos sentíamos acoissadas, nós - as militantes do GALF — tomamos a ofensiva naquela sexta-feira. Rosely fez discursos em várias cadeiras. É bom deixar claro que ela não é e não quer ser líder do grupo, pois lutamos contra a hierarquia e o poder; algumas militantes do grupo ainda lutam contra o medo de se exporem publicamente. A interiorização do medo e da repressão é um dos motivos que impedem o grupo de crescer quantitativamente. Porque qualitativamente ele vem avançando desde seu surgimento, em 1979.

Os discursos de Rosely se intercalam com gritos de parte das lésbicas e de nossas(os) companheiras(os) de luta para que o dono apareça. A ordem dentro do bar é sempre garantida pelos garçons, pelo porteiro e pelo segurança, em troca do salário mensal e da sobrevivência. Dos lucros, ele e seu sócio sabem fazer bom proveito.

Por fim, a voz do dono. Cercado por jornalistas, lésbicas não-militantes ou do GALF e pela vereadora Irede, o dono é obrigado a discutir suas atitudes — uma prática democrática a qual parece não estar muito acostumado. Afinal, vivemos no Brasil.

As militantes do GALF conversam com o dono e conseguem que ele declare diante delas, da imprensa e de outras companheiras (os), que o grupo poderá divulgar seu boletim dentro do bar sustentado pelas lésbicas. Findo o episódio, Irede dá um viva a democracia.

Qual democracia? Para nós, do GALF, sua definição transparece na complementação que Rosely faz à Irede: “ele só voltou atrás por causa da nossa força, da nossa união. A democracia neste bar só depende de nós”. Por acreditar nessa democracia, sem lideranças, sem vanguardas e sem elites, é que continuamos a lutar para que todas as lésbicas se expressem e lutem por seus direitos. À maneira de cada uma. Acreditando em nossa autonomia individual, mesmo que participando dos mais diversos grupos.

A repercussão do “happening” político do Ferro’s abriu espaços sociais para o GALF em dois sentidos. Entre as lésbicas, muitas vieram participar do grupo. As que ainda não querem militar já lêem nosso boletim *com outros olhos* e discutem mais conosco. Sabemos que a libertação individual é um processo a longo prazo. Sabemos, também, que, na história, a militância sempre foi um gesto de muito poucos e dentro de espaços delimitados - por exemplo, os partidos políticos.

Neste final de século XX, grupos e pessoas dos mais diversos países querem modificar isso. A militância pela democracia não se restringe aos trabalhadores, seus sindicatos e seus partidos políticos, mas se estende ao cotidiano: às ruas, aos bares, às escolas, ao trabalho, às camas, aos jardins, aos mercados. Em suma, ao dia-a-dia mais “corriqueiro e banal” de todas(os) cidadãs(ãos). É assim que esperamos ir construindo a verdadeira democracia e o verdadeiro socialismo. Sem todas as hierarquias e poderes que sufocam há milhares de anos, desde a pré-história, a existência, a alegria e o prazer dos seres humanos.

Nessa luta em constante movimento e transformação, as lésbicas têm um papel importante a desempenhar. Desde Safo - poetisa grega que fez alguns dos mais lindos versos de amor pelas mulheres e que, vivendo na ilha de Lesbos deu origem a palavra com qual orgulhosamente nos denominamos - as lésbicas não tiveram voz e foram oprimidas. O resgate dessa história, dos versos perdidos em livros malditos, dos beijos que nunca puderam ser dados à luz do dia, do amor que nunca pode ser declarado à amiga com medo de perdê-la para sempre. Tudo isso e muito mais faz hoje nossa alegria de viver e de lutar.

GRUPO AÇÃO LÉSBICA-FEMINISTA (GALF), CX. POSTAL 62.618, CEP 01000, SP

*Nomes das integrantes do GALF que participaram da manifestação: Célia Míliauskas, Elisete Ribeiro, Luiza Granado, Míriam Martinho, Rosely Roth e Vanda Frias. Do Outra Coisa: Antonio Carlos Tosta e Ricardo Curi

**Matéria da Folha de São Paulo, *A Noite em que as lésbicas invadiram seu próprio bar*, de Carlos Brickman, sobre a manifestação, pode ser acessada em <http://www.umoutroolhar.com.br/simbolos&dias.htm>

Fonte: publicado originalmente no boletim ChanacomChana 4, setembro de 1983, p. 1-4.

A DEMOCRACIA DEPENDE DE NÓS

COMO FOI AMPLAMENTE DIVULGADO PELOS JORNAIS (FOLHA DE PAULO E NOTÍCIAS POPULARES), NÓS, MULHERES HOMOSSEXUAIS, QUE SUSTENTAMOS O FERRO'S BAR, TIVEMOS QUE INVADÍ-LO, JÁ QUE ESTÁVAMOS PROIBIDAS DE ENTRAR SÓ PORQUE DIVULGAMOS O BOLETIM CHANACOMCHANA. ESTE BOLETIM É FEITO POR NÓS MESMAS E FALA, SEM PRECONCEITOS, SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA.

NA NOITE DE SEXTA-FEIRA, DIA 19 DE AGOSTO, QUANDO OCORREU A INVASÃO. ESTIVERAM PRESENTES, PRESTANDO SUA SOLIDARIEDADE, ENTIDADES E PESSOAS FEMINISTAS E HOMOSSEXUAIS, REPRESENTANTES DA COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS, A IMPRENSA, DEPUTADOS E VEREADORES. CABE AQUI UMA MENÇÃO ESPECIAL À VEREADORA IREDE CARDOSO QUE, MESMO DOENTE, ESTEVE PRESENTE NA OCASIÃO,

QUEREMOS AGRADECER A TODAS ESSAS PESSOAS QUE, NA NOITE DE SEXTA-FEIRA, ESTIVERAM AO NOSSO LADO COMBATENDO A FALTA DE DEMOCRACIA DE UM LUGAR QUE DEPENDE DE NÓS PARA SOBREVIVER.

FOI TALVEZ A PRIMEIRA VEZ QUE LÉSBICAS SÃO NOTÍCIA NOS JORNAIS E REVISTAS (VISÃO) NÃO POR MATAREM OUTRA, MAS POR REIVINDICAREM UM DIREITO LEGÍTIMO: O DE DIVULGAREM SEU BOLETIM PARA OUTRAS LÉSBICAS. ANÍBAL, UM DOS DONOS DO FERRO'S, SE COMPROMETEU, PERANTE NÓS E A IMPRENSA, A NÃO NOS IMPEDIR MAIS DE ENTRAR NO LOCAL E DE DIVULGAR NOSSO BOLETIM.

FOI UMA VITÓRIA NOSSA! UNIDAS E SOLIDÁRIAS PODEREMOS COMBATER O PRECONCEITO E AS DISCRIMINAÇÕES QUE NÓS, MULHERES HOMOSSEXUAIS, SOFREMO.

FICOU CLARO QUE A DEMOCRACIA DEPENDE DE NÓS MESMAS! CADA UMA DE NÓS PODE TENTAR CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR. JUNTAS ENTÃO, A FORÇA SERÁ MAIOR.

Cópia digitalizada. Acervo Rede de Informação Um Outro Olhar



Câmara Municipal de São Paulo

Moção nº 248/83

= = = = copia autêntica. "Manifesta repúdio aos proprietários do Ferro's bar pela discriminação praticada contra as lésbicas do Grupo Ação Lésbico-Feminista, e solidariedade ao referido grupo pela luta que corajosamente vem travando em todos os setores da sociedade contra o preconceito homossexual. - considerando que, no dia 23 de julho último, as integrantes do Grupo de Ação Lésbico-Feminista foram expulsas do Ferro's bar por estarem vendendo o jornal "ChanacomChana"; considerando que, discriminadamente, a venda do referido jornal foi proibida no recinto enquanto que outras publicações de outros grupos, não homossexuais, foi permitida; considerando que, na mesma semana da proibição, ocorreram vários incidentes no Ferro's bar, provocados por garçons e dirigentes do bar que hostilizaram as lésbicas, chegando mesmo à agressão corporal; considerando que no último dia 19 de agosto ocorreu expressiva manifestação de repúdio na porta do Ferro's bar, com a presença de significativos setores da sociedade Brasileira; considerando que o homossexualismo é uma opção livre e consciente que qualquer pessoa tem o direito de fazer, e não doença que deve ser discriminada; considerando que é dever de todo democrata lutar contra a repressão e o preconceito em todas as formas e em todos os setores em que eles se manifestarem, propomos ao egrégio plenário, com fundamento e na forma do artigo 233 e seguintes da resolução nº 3/68 (regimento interno), a deliberação desta casa no sentido de manifestar repúdio aos proprietários do Ferro's bar pela discriminação praticada contra as lésbicas do Grupo de Ação Lésbico-Feminista e solidariedade ao referido grupo pela luta que corajosamente vem travando em todos os setores da sociedade contra o preconceito homossexual. Solicitamos ao Sr. Presidente desta casa enviar cópias desta moção ao Grupo de Ação Lésbico-Feminista - cx. Postal 62.618 - São Paulo, e aos proprietários do Ferro's bar. Sala das sessões, 23 de agosto de 1983. (aa) Irede Cardoso, Cláudio Barroso Gomes, Tereza Cristina Lajolo, Luiza Erundina de Sousa, Antônio Carlos Fernandes, Avanir Duran galhardo, Eurípedes Sales, João Carlos Alves, Jooji Hato, Gabriel Ortega e Mário Noda. Aprovada em 1º de dezembro de 1983. (a) Altino Lima." eu, (assinatura altino), extraí esta copia fielmente do original. São Paulo, 19 de março de 1984. Confere:- visto:-


SALDA MIGUEL MARCONDES
Chefe de Seção Técnica III

Cópia digitalizada. Acervo Rede de Informação Um Outro Olhar

Rosely Roth

(21/08/59-28/08/90)



Figura 3 - Cassandra Rios, Irede Cardoso, Ubiratan da Costa e Silva e Rosely Roth no Ferro's Bar (São Paulo/SP, set. 1986)

O dia 19 de agosto, dia do orgulho das mulheres lésbicas no Brasil, além de marcar a data da primeira manifestação protagonizada por lésbicas contra o preconceito e a discriminação, celebra também a memória de Rosely Roth, sua principal organizadora.

A manifestação no Ferro's bar, análoga ao Stonewall Inn estadunidense, teve em Rosely sua grande articuladora e figura de destaque. Nela, Rosely iniciou sua trajetória inigualável de visibilidade junto à imprensa escrita e aos meios

de comunicação da época. Participou de programas de rádio e televisão e deu várias entrevistas à imprensa, dos grandes aos pequenos jornais. Fora isso, também escreveu artigos para o jornal ChanacomChana, produzido pelo Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF), do qual era integrante, e para a imprensa feminista, além de participar de inúmeros encontros, seminários, simpósios e reuniões (ver histórico ao fim do texto).

Como a confirmar a máxima pessoana de que morre jovem o que os deuses amam, Rosely brilhou intensamente em sua breve vida, ceifada aos trinta anos de idade pela grave enfermidade que a acometeu. Ao final de 1987, durante o IV Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe (19 e 25 de outubro), no México, Rosely passou a apresentar as alterações perceptivas, tanto auditivas quanto visuais, que caracterizam a esquizofrenia, doença que atinge jovens adultos na faixa dos 28 a 30 anos (no caso das mulheres). Fruto de um desequilíbrio químico-cerebral, de provável origem genética, a esquizofrenia, apesar dos avanços nos medicamentos de controle dos surtos, ainda hoje leva mais de 10% de suas vítimas ao suicídio, inclusive porque a acompanham períodos de intensa apatia e depressão. Após 2 anos e meio lutando com a doença, Rosely se suicidou no apartamento de sua namorada, Vera Lúcia S. de Barros, em Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro, no dia 28 de agosto de 1990.

Sua morte provocou grande choque mesmo entre aquelas pessoas que acompanhavam de perto seu calvário e sabiam da possibilidade de um trágico desfecho. Como sempre acontece em casos de suicídio, ainda mais de pessoas de grande potencial humano como Rosely, formou-se uma espécie de tabu sobre o acontecido, como se morrer de uma doença grave fosse motivo de vergonha e não uma simples fatalidade a que estamos tod@s sujeit@s de um jeito ou de outro. Tal tabu inclusive não combina com a memória de uma mulher que se destacou exatamente pela quebra dos silêncios e dos tabus em relação à lesbianidade e cuja trajetória de ativista foi um exemplo de luta contra a insanidade do preconceito e da discriminação. Que ele se desfaça, portanto, não só por Rosely mas também como uma contribuição à desmistificação da doença que a acometeu da qual padecem milhares de pessoas no mundo inteiro.

Para a história do Movimento Lésbico e do movimento LGBT Brasileiros, o que de fato importa é naturalmente a lembrança de sua trajetória ímpar, muitos anos à frente de seu tempo, que celebramos anualmente pelas razões já ditas acima e referendadas na carta abaixo, enviada por integrantes do grupo Deusa Terra (do início da década de noventa) ao *International Gay and Lesbian Human Rights Commission* (IGLHRC), como indicação ao prêmio Felipa de Souza.

Prezadas(os)amigas(os):

Nós, do grupo de lésbicas Deusa Terra, gostaríamos de indicar para o *Felipa de Souza Award*, Rosely Roth. Trata-se de uma homenagem póstuma a uma lésbica que foi a voz de todas nós neste país em que tantos querem nos emudecer. Graças a ela, a sociedade brasileira tomou contato com o pensamento das lésbicas não apenas interessadas em defender sua sexualidade fora dos padrões mas igualmente empenhadas em lutar por uma real participação da mulher em geral neste patriarcado em que vivemos.

Participando de programas de TV, levando o tema lesbianismo aos refratários meios acadêmicos, sendo a ponte e a alternativa para os guetos lésbicos, Rosely nos fez visíveis e audíveis.

Se alguém pode representar a luta a favor das lésbicas ou contra a violência heterossexista nos anos 80, esse alguém é Rosely Roth. Ela que nada ganhou com isso a não ser a certeza de que fizera muito além de suas possibilidades. Ela que recebeu uma enorme carga repressiva num país e numa época onde o Movimento Lésbico e Gay não possuía força suficiente para lhe dar o apoio que precisava e merecia.

Rosely Roth (1959-1990) não pode ser e não será esquecida por nenhuma lésbica deste país e, porque não dizer, da América Latina. Pioneira e corajosa, ela é sem dúvida, um marco na história do Movimento Lésbico Brasileiro e na luta pelos direitos humanos.

Saudações lésbicas, Célia Math e Cristina M. (DEUSA TERRA, SP, BRASIL)

(30/01/1994) cópia digitalizada. Acervo Rede de Informação Um Outro Olhar

Rosely Roth iniciou seu ativismo em fevereiro de 1981, quando se uniu ao GRUPO LÉSBICO-FEMINISTA (LF), mesmo ano em que se formou em filosofia pela PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SP, onde também iniciou pós-graduação em Antropologia (85-87). Em outubro de 1981, fundou, com Míriam Martinho, o Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF), onde atuou até 1987.

Textos para o fanzine ChanacomChana

ChanacomChana (ccc) 2: A Queda Para o Alto. Resenha do

livro de Sandra Mara Herzer, p. 4, 1983

CCC 3: Depoimento Pessoal, p. 8, 1983

CCC 4: Autonomia, p. 5, 1983

CCC 5: Desarmamento Nuclear, p.9, 1984

CCC 7: Família, p.4, 1985

CCC 8: Lésbicas X Censura, p. 7, 1985

CCC 9: Homossexualidade na Constituinte, p. 16, 1985

CCC 10: Homossexualidade nas Leis, p. 8, 1986

CCC 11: VIII Encontro Nacional Feminista, p. 1. 1986

CCC 12: Balanço das Eleições, p.16.

OUTRO OLHAR 1: VERA, pág. 1. 1987

texto de reflexão para GALF: O Lesbianismo enquanto Postura Política (1985)



Figura 4- Rosely Roth. Notícias Populares, SP (04/06/85)

Trabalhos não publicados

1. A constituição da identidade de um grupo de mulheres lésbicas-feministas.
2. A identidade da mulher.
3. Papéis de gênero e a questão das identidades.
4. Contribuições de Lévi-Strauss e de Pierre Castres para se pensar a questão dos papéis de gênero.
5. Vivências lésbicas (tese sobre vivências lésbicas em bares e boates)

Entrevistas e textos para jornais

1. O Sexo do Brasil, resenha do livro História e Sexualidade no Brasil, para o jornal Mulherio, n.30, julho de 1987.
2. Entrevista ao Pasquim, Lesbianismo é um estilo de vida mais criativo (27.11.85).
3. Entrevista à Club dos Homens, n.17.
4. Depoimento: Desenrusta-se! Para Big Men Internacional (1984).
5. Adotar filhos, desafio para os homossexuais. Folha de São Paulo (02/6/85).
6. Homossexuais disfarçam na hora de adotar. Notícias Populares (4/06/85).
7. Lesbianismo na TV: polêmica aumenta. Folha de São Paulo, 01/06/86.
8. Depoimento, para o Jornal da Tarde, sobre a expulsão do GALF, efetuada pelo grupo Centro Informação Mulher (Cim), da sede que ambos os grupos dividiam no bairro da luz, São Paulo. 24/12/84.
9. Só Tabu. Folha da Tarde, 1987.

Televisão

Dois programas da apresentadora de TV, Hebe Camargo, sobre homossexualidade feminina em 25/05/85 e 29/04/86; Em Julgamento, Bandeirantes, Homossexualismo É Doença? (s.d.); Programa Blota Júnior, TV Bandeirantes, Homossexualidade X Constituinte (03/86)

40 ANOS DE MOVIMENTO LÉSBICO

Míriam Martinho

O mais jovem dos movimentos filhos da contracultura, da mítica década de sessenta e de toda sua efervescência cultural e política, nasceu no bojo dos direitos homossexuais, mas veio paulatinamente desenvolvendo uma identidade própria. A trajetória das lésbicas, com pequenas diferenças de país para país ocidental (onde foi possível existir um movimento homossexual), poderia ser resumida sem dúvida da seguinte maneira: primeiro as lésbicas se insurgem contra a homofobia junto com os homens homossexuais; depois se ressentem do androcentrismo⁵ do movimento misto homossexual e buscam no movimento feminista encontrar espaço para suas questões também como mulheres, deparando-se, contudo, com o heterocentrismo⁶ do citado movimento que, nas palavras da histórica ativista lésbica, Rita Mae Brown, não somente empurrou as lésbicas de volta ao armário como também fechou a porta com pregos (*the women's movement not only pushed us back in the closet, they nailed the door shut*)⁷.

Por fim, as lésbicas começam a engendrar seu próprio movimento, se bem que sempre tangenciando ou intersectando tanto o movimento LGBT quanto o movimento feminista. Já no início dos anos setenta/oitenta, uma primeira atitude de autonomia foi iniciada por lésbicas separatistas, radicais, de base feminista, mas com uma ênfase sobretudo na separação em relação aos homens em geral, tomando a lesbianidade inclusive como o epítome do feminismo na luta das mulheres contra o patriarcado. Nessa perspectiva, porém, tudo tido como ligado aos homens e vinculado essencialisticamente ao masculino era rejeitado, acabando por gerar inclusive um patrulhamento da própria sexualidade lésbica sobre a qual recaísse suspeitas de reproduzir as relações heteropatriarcais. Tal posição acabou por gerar descontentamento crescente tanto entre feministas heterossexuais quanto entre lésbicas que não se encaixavam nos cânones lésbico-feministas. Foi então que lésbicas que vieram a ser chamadas de pró-sexo (feministas hétero e bissexuais também fizeram parte dessa turma), como as sadomasoquistas e as [butch-femme](#)

⁵ Centrado nos homens homossexuais.

⁶ Centrado nas relações heterossexuais.

⁷ WILTON, TAMSIN. Disobeying “mother feminism” – A history of divisions. In: **Lesbian Studies, Setting An Agenda**. Kentucky (USA): ROUTLEDGE, 1995, p. 95

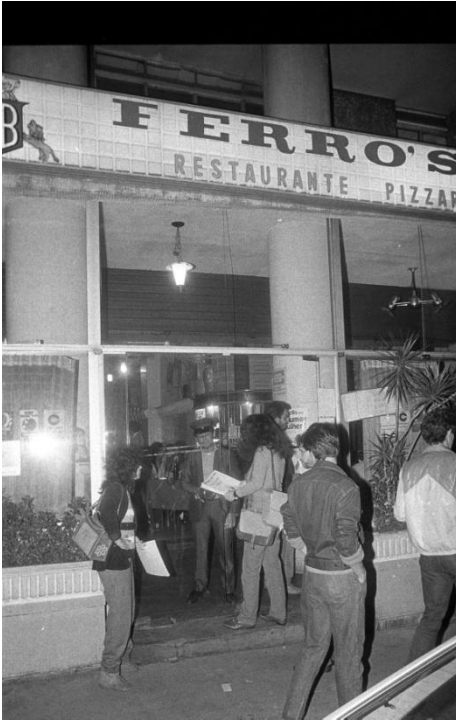


Figura 5 - Barradas pelo porteiro

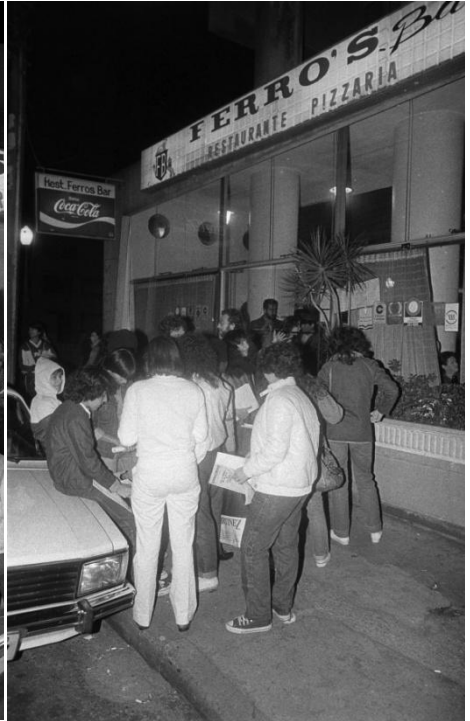


Figura 6 - Reunindo forças.



Figura 7 - Forçando a entrada. Fotos: Ovídio Vieira, Folha Imagem



Figura 8 - Com uma pequena ajuda do amigo.



Figura 9 - Denunciando a discriminação. Fotos: Ovídio Vieira, Folha Imagem



Figura 10 - Livre para vender o boletim. Fotos: Ovídio Vieira, Folha Imagem



Figura 11 - Vereadora Irede Cardoso discursa pelas liberdades democráticas também no Ferro's Bar.



Figura 12- Lésbicas de todo o mundo na 8ª Conferência do Serviço de Informação Lésbica Internacional (1986)- Acervo Um Outro Olhar

(par masculina-feminina), passaram a questionar a rigidez separatista, reivindicando que era possível ser feminista e gostar de sexo, entendendo que a sexualidade era o terreno do lúdico, da fantasia, não cabendo projeções literais da realidade da dominação homem-mulher no território das brincadeiras sexuais. O acirrado debate proveniente dessas duas correntes em conflito, durante a década de oitenta, ficou conhecido como *Sex Wars* (Guerras Sexuais) e determinou, entre outros fatores, a decadência do separatismo feminista (lésbicas-feministas, radicais). De qualquer forma, essa primeira corrente de autonomia lésbica foi bastante influente, fomentando eventos de disseminação de grupos lésbicos pelo mundo, como a 8ª Conferência do ILIS (Serviço de Informação Lésbica Internacional), em Genebra, de 28 a 31 de março de 1986, de onde se originaram o I Encontro Lésbico-Feminista Latino-Americano e do Caribe e a Rede Asiática de Lésbicas.

A partir da década de noventa, sob influência da teoria *queer*, as lésbicas iniciam uma nova fase de autonomia, não mais com ênfase numa separação dos homens homossexuais, com os quais inclusive voltam a interagir no movimento homossexual (agora já o da sopa de letrinhas GLBT) bem como com outras minorias sexuais. A ênfase deixa de ser tanto na questão de gênero e se volta mais para a questão das (homo)sexualidades oprimidas pela heterossexualidade obrigatória. Entretanto, sob o guarda-chuva da politizada palavra lésbica (que dispensa o termo feminista por considerá-lo uma redundância, já que a palavra lésbica já inclui uma perspectiva de

gênero), inúmeras identidades lésbicas começam a surgir como representativas das diversas subculturas da população de mulheres homoafetivas. Essa multiplicidade de identidades (*queer, lipstick lesbians, gay, sapatas, butch-femme, dykes*, mulheres homoafetivas, entre outras)⁸ será peça-chave na visibilização das lésbicas perante à sociedade, somada à evidência do avanço dos direitos homossexuais em geral e o interesse da mídia pela homossexualidade feminina.



Figura 13 - Dykes cruzando as fronteiras. Ninguém vai nos dividir.

Surgem as *dyke marches* (em 1993), nos Estados Unidos, que se espalharam não só local como internacionalmente⁹, os sites específicos, filmes, o seriado *Xena: A Princesa Guerreira*, com seu famoso subtexto lésbico, publicações e editoras lésbicas (revistas, livros), outros seriados lésbicos, num crescendo de visibilidade que adentra pelos primeiros anos do século XXI chegando à série *The L Word*, à lesbofera (mundo virtual de blogs lésbicos), à Ana Paula Arósio interpretando uma lésbica que entra em depressão após separar-se de namorada, no filme *Como Esquecer?*, aos estudos lésbicos e às mulheres que têm filhos com as companheiras, através de inseminação artificial, e vão à justiça reivindicar o direito de assumir a maternidade

conjunta. Atualmente, o Movimento Lésbico parece existir de forma mais lesbertária, em várias expressões sociais, culturais e acadêmicas, com estas últimas buscando formar, nas universidades dos países desenvolvidos, os estudos lésbicos¹⁰, à parte dos estudos feministas, LGBT e *queer*, com inúmeras teses e livros analisando as vivências lésbicas, de distintas perspectivas ideológicas, em seus diferentes aspectos sociais, étnicos, históricos e políticos. O Movimento Lésbico já tem a sua história e até já existem dicionários específicos contando sua trajetória.

Do ponto de vista do ativismo, contudo, pelo menos na América Latina e no Brasil em particular, parece haver retrocessos, nessa trajetória de visibilidade e liberdade sem precedentes para as lésbicas, não se sabe ao certo se porque por aqui tudo chega com muito tempo de atraso ou se porque a região vive uma grande onda retrô de retomada de ideologias do século passado. O certo é que a crescente visibilidade lésbica, que atraiu a atenção de tanta gente, atraiu também a atenção do movimento

⁸ Na caminhada lésbica de San Francisco, a comissão organizadora assim se define: somos dykes que se unem, a partir de diferentes backgrounds, pelo amor à comunidade dyke e à sua marcha. Nós somos femmes, butches, ou de outras identidades, somos negras, mestiças, judias e brancas, de diferentes idades e classes. Algumas de nós se identificam como *queer ou genderqueer*. Disponível em: <<http://thedykemarch.org/pages/identity.html>>

⁹ As caminhadas lésbicas brasileiras surgem em 2003.

¹⁰ No Brasil, também proliferaram, nos últimos anos, teses que tem as vivências lésbicas como tema.

feminista, movimento que teve seu grande *momentum* na década de oitenta mas foi paulatinamente perdendo massa crítica à medida que se institucionalizava. Esse movimento decidiu pegar carona na evidência das manifestações de massa do movimento LGBT e lésbico em particular, a partir do início dos anos 2000, e desde então vem absorvendo o incipiente Movimento Lésbico Brasileiro (pelo visto também latino-americano) que começa a se desfigurar como tal.

Sobretudo de 2006 para cá, eventos como o seminário nacional de lésbicas passaram a ser organizados por grupos até de feministas heterossexuais, e a caminhada lésbica (de São Paulo) virou temporada de caça às lésbicas desavisadas e instrumento de proselitismo feminista, com reivindicações pela descriminalização do aborto (sic) e outros slogans feministas encarrapitados na temática lésbica. A avenida que era lésbica virou avenida feminista, com os temas especificamente lésbicos jogados para segundo plano, retomando de certa forma os idos heterocêntricos dos anos 70-80. Começaram a aparecer - quase do nada - também diversas mulheres se dizendo lésbicas-feministas (ou feministas lésbicas), não se sabe se com referência à corrente ideológica que atendia por esse nome, em tempos idos, ou se simplesmente pela união das duas palavras lésbica e feminista.

Naturalmente, não é a existência de lésbicas-feministas¹¹, no Movimento Lésbico, que se estranha, pois estas marcaram presença desde o início da organização do mesmo, como visto no início deste texto, mas sim a repentina profusão de partidárias deste nome somada à presença de temáticas do movimento feminista **dentro de um movimento que não é o feminista**. Isso sem falar que a própria palavra feminista é passível de inúmeras interpretações, pois o feminismo, como movimento, é composto de vários feminismos e feministas tão diferentes que se admira como gente tão díspare possa se identificar por uma mesma designação. Então que feminismo é esse que nos assalta? Pergunta fundamental.

Feminista para o senso comum é ou antônimo de machista (e o senso comum não é totalmente desprovido de razão nesse sentido) ou, numa visão positiva, de mulher que tem consciência de que vivemos numa sociedade onde mulheres e homens são tratados de forma desigual, com desiguais oportunidades de se desenvolver como seres humanos, não aceitam isso e procuram igualdade ou equidade. Hoje em dia mulheres buscam emancipação econômica, fazer uma carreira, ter os mesmos direitos nas relações íntimas ou interpessoais com homens e mulheres, lutar por seus direitos quando se sentem discriminadas, etc. Nesse sentido, a maior parte das mulheres com

¹¹ Lésbica-feminista é apenas a ativista lésbica que se utiliza do instrumental teórico dos feminismos para analisar sua situação como mulher lésbica. Nunca foi sinônimo de ativista que importa a pauta heterocêntrica (como aborto, por exemplo) do movimento feminista para o ginocêntrico Movimento Lésbico.

um pouco de bom senso é feminista, embora rejeite a identificação como tal.

Entretanto, obviamente, não é nesse sentido que se emprega a palavra feminista quando se trata de movimentos sociais. Nesse contexto, feminista é a identidade política de ativistas forjada num movimento político chamado movimento feminista, movimento que tem, repetindo, “n” correntes de pensamento, diferentes formas de analisar o papel da mulher na sociedade em sua relação com os homens, com outras mulheres e com a sociedade em que vivemos. Movimento que sempre teve uma significativa presença de mulheres homossexuais, embora a questão lésbica sempre tenha sido despolitizada, invisibilizada ou secundarizada, variando a atitude de acordo com as conveniências.

Foi, aliás, esse heterocentrismo que motivou as primeiras iniciativas de formulação de um movimento específico de lésbicas nas décadas de 70 e 80. Na década de 90, foi também a especificidade lésbica invisibilizada ou secundarizada tanto no movimento LGBT quanto feminista que levou ao segundo lance de formulação do Movimento Lésbico, como dito textualmente pelas criadoras das *dykes marches*, as *Lesbian Avengers* (Vingadoras Lésbicas)¹².

De meados da década de noventa para cá, contudo, as coisas mudaram de perspectiva. Não se trata mais de formar um movimento próprio de maneira reativa, na base do porque órfãs de pai e mãe, as lésbicas não tiveram outro remédio se não se virar sozinhas, porém agora que a madrasta nos “aceita” voltamos para casa contentinhas. Sobretudo de meados da década de 90 para cá, as lésbicas conheceram os prazeres da autonomia e foram criando seus movimentos de forma pró-ativa, baseados não em rejeições, seja de quem for, ou ressentimentos seja contra quem for, mas apenas porque ser independente é simplesmente melhor. E provaram para si mesmas, e para outr@s, que suas vidas são políticas, que não precisam de apêndices para ser validadas, que não precisam de licença de ninguém para fazer, acontecer e existir.

A teórica lésbica inglesa Tamsin Wilton afirmou, em seu livro *Lesbian Studies: Setting An Agenda*, de 1995, que “as lésbicas, como mulheres *queer*, são as únicas que estão em posição de desenvolver uma política verdadeiramente radical sobre gênero e sexo.” Embora seja discutível a atribuição de exclusividades revolucionárias a qualquer grupo, não há dúvida de que o movimento das lésbicas é o único que pode ser homo e

¹² MARTINHO, Míriam. **A origem das caminhadas lésbicas**. Disponível em: [<http://www.umoutroolhar.com.br/simbolos&dias_caminhadaL2009.htm#A_Origem_das_Caminhadas_Lésbicas_\(Dyke_Marches\)>](http://www.umoutroolhar.com.br/simbolos&dias_caminhadaL2009.htm#A_Origem_das_Caminhadas_Lésbicas_(Dyke_Marches)) Acesso em: 15 de julho de 2009

ginocêntrico, pois que centrado na relação das mulheres com as mulheres (com todas suas dores e delícias), onde o “homem” deixa de ser referência imprescindível, como acontece no caso dos movimentos LGBT e feminista. Priorizar suas próprias vidas é, portanto, a maior contribuição que as lésbicas dão aos direitos das mulheres. E não precisa haver mais nenhuma, a não ser por gentileza, que ainda continuaremos no crédito.

Pessoalmente, há 20 anos, eu já tinha essa clareza. A história apenas corroborou minha perspectiva e de tantas outras ativistas lésbicas com bons anos de experiência. Tenho certeza da importância de um Movimento Lésbico autônomo¹³ não com base no separatismo sectarista das décadas de 70 e 80, que elegeu de forma simplista a lesbianidade como receita para romper com o patriarcado¹⁴ e os homens literalmente como inimigos, pois inclusive considero fundamentais as *alianças* com as outras letras da sigla LGBT, mas porque somente nele as lésbicas podem ter chance de realmente priorizar seus interesses e suas demandas, quem sabe mesmo produzir novos *insights* sobre a questão de gênero e da sexualidade, sem virarem meras correias de transmissão da política institucional ou de outros movimentos oportunistas que estão aí agora solidários como lobos em pele de cordeirinh@s.

São Paulo, 15 de julho de 2009

¹³ Na acepção dicionarizada, indivíduo, organização, instituição, movimento que tem autonomia, a capacidade e a possibilidade de governar ou administrar a si mesmo segundo suas próprias regras ou normas, sem interferência externa.

¹⁴ A grosso modo, sistema de organização social, cultural e política centrado no predomínio dos homens, em todas as esferas da sociedade, em detrimento das mulheres.

Lésbicas em Movimento

Míriam Martinho

Uma cronologia simbólica e histórica do Movimento Lésbico (ML) no Brasil e no mundo

(Esta pequena cronologia tem como princípio indicar eventos e protagonistas que conformaram a trajetória do ML no mundo seja por seu pioneirismo e repercussão ou por seus desdobramentos. Naturalmente não se trata de linha do tempo definitiva, estando desde já aberta a novas inserções, ampliações e revisões. Ela é baseada na cronologia internacional proposta pelos Lesbian Studies-Estudos Lésbicos.



3200 e 1000 a.c - As Amazonas

Há relatos sobre mulheres guerreiras, vivendo apenas ou preferencialmente entre mulheres, em praticamente todos os continentes, desde a Idade do Bronze, com as amazonas gregas, até a época da colonização das Américas, como as índias tupinambá brasileiras, conhecidas como Cacaoibeguiras (vocabulário da língua brasileira, 1621)¹⁵. Apenas em 1995, contudo, conseguiu-se provas capazes de separar o mito da realidade, graças ao trabalho da arqueóloga Jeannine Davis-Kimball¹⁶, que encontrou, na cidade de Pokrovka, fronteira da Rússia com o Cazaquistão, túmulos de mulheres enterradas com armas e até rastreou uma descendente das temíveis guerreiras.¹⁷

630/612-570 a.c - Safo de Lesbos

Nascida na ilha grega de Lesbos, que teria sido fundada por Amazonas, Safo cantou seus amores por mulheres em versos imortais, conhecidos pelos fragmentos que sobreviveram ao tempo e aos preconceitos principalmente cristãos. Platão a considerou a décima musa e, por sua poesia de conteúdo homoerótico, Safo e sua terra natal passaram a designar, a partir do século dezoenove, como sáficas ou lésbicas¹⁸, as mulheres que se relacionam erótica e afetivamente com outras mulheres.



1500-1900 d. C. Pecadoras, monjas, *crossdressers*, amigas românticas

As Pecadoras - Mesmo em tempos em que a Inquisição mandava para a fogueira as mulheres acusadas do pecado nefando da sodomia, ainda que imprópria¹⁹, muitas senhoras e senhoritas mantinham relacionamentos sexuais “como se fossem homem e mulher”. No Brasil, mais precisamente na Bahia, a portuguesa Felipa de Souza, descoberta em suas aventuras amorosas com outras mulheres, foi processada e sentenciada ao degredo, no ano de 1592, em Salvador, melhor sorte que algumas de suas congêneres na França e Alemanha²⁰, mandadas sem piedade para as chamas do Santo Ofício.

¹⁵ MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 23.

¹⁶ DAVIS-KIMBALL, Jeane Warrior Women: **An Archaeologist's Search for History's Hidden Heroines**. New York: Warner Books, Inc, 2002.

¹⁷ MARTINHO, Míriam. As Amazonas. Disponível em

<http://contraocorodoscontentes.blogspot.com/2009/06/as-amazonas.html> Acesso em: 15 de julho de 2009.

¹⁸ O termo lésbia é publicado, pela primeira vez no Brasil, no livro *Attentados ao Pudor* (1894) de Viveiros de Castro (ver bibliografia)

¹⁹ Imprópria porque não resultante da penetração de pênis na vagina ou ânus.

²⁰ Mott, Luiz. Op. Cit. p.29

As Monjas – em tempos onde a Santa Madre Igreja reinava absoluta e as mulheres tinham poucas alternativas de vida, além do matrimônio e da prostituição, entrar para um convento era uma das raras chances de estudar e viver só entre mulheres e com elas ter relações não só espirituais. O safismo sempre esteve presente nos conventos, da Idade Média aos tempos recentes, como bem demonstraram as autoras do livro *Freiras Lésbicas: Quebrando o Silêncio* de 1985²¹. Figura destacada de monja, pioneira na reivindicação de direitos para as mulheres, e tida como amante do mesmo sexo, foi a freira mexicana Sór Juana Inês de La Cruz (1651-1695)²², cujos poemas de amor para a vice-reina Maria Luisa Manrique de Lara, Marquesa de La Laguna, Condessa de Paredes, entraram para a história.

Crossdressers²³ (1600-1800)– Mesmo até o início do século XX, as diferenças sexuais eram tão demarcadas em termos de vestuário que se tornava possível para uma mulher se travestir a fim de poder usufruir de alguma liberdade e amar outra mulher ou mesmo casar-se com ela. Fazendo-se passar por homens, essas mulheres adquiriam propriedades, votavam, tornavam-se soldados, e até arrumavam uma esposa. Apenas no início do século XX surgiram restrições legais à prática dessa variação de travestismo feminino bem como uma rotulação de suas praticantes como desviantes sexuais pela incipiente ciência da sexologia.²⁴ As *crossdressers* foram as precursoras das *butches* do século XX, uma bem-sucedida estratégia lésbica para burlar as restrições impostas às mulheres pela sociedade patriarcal.

Amigas Românticas²⁵ – Embora as chamadas amigas românticas sejam geralmente situadas na era vitoriana, no século XIX, ou mesmo início do século XX, sobretudo entre as classes mais abastadas, podem ser encontrados exemplos dessa forma de amor tida como platônica, entre pessoas do mesmo sexo, em vários momentos da história. Exemplo clássico desse tipo de relacionamento seria o chamado *Boston marriage* (casamento de Boston), termo cunhado a partir do livro *The Bostonians* de Henry James (1886), onde duas mulheres vivem juntas, compartilhando a vida como um casal, sem serem amantes. Teóricas lésbicas atuais questionam se a visão dessexualizada desses relacionamentos não teria a ver com a leitura deserotizante das relações entre mulheres pelo feminismo lésbico das décadas de 70 e 80 do século XX, já que dele vieram algumas autoras que abordaram o tema das amigas românticas.

As Invertidas (1880-1920) – Sexólogos como Kraft-Ebbing e Havelock Ellis contribuem para a criação da idéia da homossexualidade como terceiro sexo e sua patologização. As mulheres que se relacionam com mulheres passam a ser vistas como invertidas (homens presos em corpos de mulher) e desequilibradas psicológicas. E como em relação a toda enfermidade, torna-se necessário achar as causas do mal - para assim erradicá-lo e curar @s pacientes - configurando, portanto, o homossexualismo como doença, situação da qual só sairá em 1990 (17 de maio),

²¹ CURB, Rosemary & MANAHAN, Nancy. **Freiras lésbicas: quebrando o silêncio**. Rio de Janeiro, Best-seller, 1987

²² PAZ, Octávio. **As armadilhas da fé**. Editora Mandarin, 1998.

²³ *Crossdresser* é o nome que se dá às pessoas, de qualquer orientação sexual, que gostam de se vestir como o seu sexo oposto. Hoje o *crossdressing* está mais relacionado ao prazer e ao erotismo simplesmente, diferentemente de outras épocas onde as mulheres se travestiam para escapar das restrições impostas ao sexo feminino.

²⁴ JENNINGS, Rebecca. Cross-dressing and female husbands. In: **A lesbian history of Britain**. Oxford (UK): Green Wood World Publishing, p. 21.

²⁵ FADERMAN, Lillian. **Surpassing the Love of Men: Romantic Friendship and Love Between Women from the Renaissance to the Present**. Great Britain: The Women's Press Limited, 1985.

quando a Assembléia Geral da Organização Mundial de Saúde aprovou a retirada do código 302.0 (homossexualidade) da Classificação Internacional de Doenças.



1900 em diante – As Identidades Lésbicas: As Mulheres Homoeróticas começam a tomar a palavra e ter visibilidade.

Ainda as Invertidas – Em 1928, a autora lésbica Radcliffe Hall lança o romance *O Poço da Solidão*²⁶ que se tornará um clássico lésbico de todos os tempos, descrevendo as experiências de uma invertida em uma sociedade hostil. O livro provocou grande polêmica quando de seu aparecimento, foi proibido, e a autora enfrentou acusações de obscenidade. Outras autoras, como Virgínia Wolf, lançaram obras mais sutis sobre relações entre mulheres, mas nem por isso menos lésbicas. *Orlando*, desta autora, é um herói/heróina baseado em Vita de Sackville West, poetisa e romancista inglesa com quem Virgínia teve um notório *affair*.

As Butches e Femmes²⁷ (1920-1960): herdeiras das *crossdressers*, as *butches e femmes* (as fanchonas e ladies brasileiras), com a crescente emancipação das mulheres e o processo de industrialização e urbanização, vão fazer dos bares das grandes cidades seu espaço vital, criando a primeira subcultura lésbica. Com papéis de masculino e feminino bem demarcados (na aparência pelo menos), as *butches e femmes* vão ser o primeiro bastião da visibilidade lésbica já nos primórdios do século passado, sobretudo nos anos cinquenta. No Brasil, até a década de oitenta, ainda permaneciam como o padrão dominante, particularmente entre mulheres da classe trabalhadora. Com o advento do feminismo lésbico, fundamentalmente classe média, as relações *butch-femme* vão ser hostilizadas e marginalizadas por “reproduzir os papéis sexuais importados das relações heteropatriarcais de dominação do homem sobre a mulher.” Apenas em meados da década de oitenta, as *butches e femmes* reagem a essa leitura simplista de seus relacionamentos e começam a teorizar sobre suas vidas, contestando a visão feminista que as discriminou. Hoje ainda sofrem muito preconceito, sobretudo as masculinizadas, mas, dentro do Movimento Lésbico, garantiram seu lugar ao sol como uma variante da sexualidade lésbica e uma tradição de nossas vivências.



1950-1990 – As Precursoras da Visibilidade no Brasil

Antes do surgimento do grupo lésbico-feminista (LF), em 1979, e do lançamento de seu tablóide ChanacomChana (1981), depois relançado, como boletim, pelo Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF), em 12 edições, de 1982-1987, houve outras publicações que abordaram a questão lésbica, ainda que de maneira bem limitada, também em forma de boletins mimeografados/xerocopiados. Entretanto, quem mais trouxe visibilidade à questão lésbica, se bem que dentro de um contexto entre o erótico e o patológico, foi a escritora Cassandra Rios (1932-2002). Cassandra fez enorme sucesso de público com títulos como *Volúpia do Pecado*, *Carne em Delírio*, *A Sarjeta*, *Nicole Ninfeta*, entre outros, tendo seus títulos proibidos pela

²⁶ HALL, Radclyffe. **O poço da solidão**. Record: 1998, 1ª edição.

²⁷ Após a politização das relações *butch-femme*, houve uma expansão desse modelo de relacionamento também para lésbicas de classe média. Ellen DeGeneres, k.d.lang e Cássia Eller são exemplos de novas *butches*.

ditadura militar e os estoques nas livrarias confiscados. Em seus inúmeros livros, as relações entre mulheres são expostas sem rodeios.²⁸

As lésbicas e seu(s) movimento(s): as feministas, as gay women, as sadomasoquistas, as butches&femmes, as queer girls, as dykes, as lipstick lesbians, as lesbian chic, as riot grrls, as clubbers²⁹...



1970-1980 - As Feministas

Feministas homossexuais, identificadas como feministas lésbicas, feministas radicais³⁰, produziram textos sobre a lesbianidade, em relação à sociedade patriarcal, que influenciaram não só o movimento feminista como o nascente Movimento Lésbico e mesmo LGBT. Considerando a heterossexualidade obrigatória como o principal instrumento de opressão das mulheres, vão eleger a lesbianidade como o próprio veículo da libertação feminina, algumas vezes tomando literalmente os homens (sexo masculino) como o próprio patriarcado. As lésbicas separatistas/radicais, baseadas nos pressupostos acima, elevados ao quadrado, vão criar o conceito de nação lésbica e mulher que se identifica com mulher, dando início a formulação de um movimento autônomo de mulheres homossexuais.³¹



1979- 1989- Lésbicas Brasileiras/Latino-Americanas

1979 – No Brasil, em abril de 1979, as mulheres do Grupo Somos de Afirmação Homossexual, em São Paulo, foram convidadas a redigir uma matéria sobre lésbicas para o jornal *Lampião da Esquina*, publicação de temática homossexual do Rio de Janeiro que circulou de 1978 a meados de 1981. Após a publicação dessa matéria, decidiram continuar juntas e formaram o primeiro grupo lésbico brasileiro, chamado Grupo Lésbico-Feminista (LF), cujo coletivo se desfez em meados de 1981. Duas remanescentes deste coletivo,³² resolveram dar continuidade a organização especificamente lésbica e fundaram o Grupo Ação Lésbica Feminista (outubro/1981). Também na década de oitenta, surgem outros grupos lésbicos latino-americanos como o *Grupo de Autoconciencia de Lesbianas Feministas* (GALF), do Peru, o *Grupo Ayuquellen*, do Chile, o *Grupo Mujeres Urgidas de un Lesbianismo Auténtico*- MULA (do México).

1981 (fev.) ChanacomChana

Lançada a primeira publicação ativista lésbica do Brasil, intitulada *ChanacomChana*, em formato tablóide (pelo Grupo Lésbico-Feminista), que posteriormente será retomada como boletim, com 12 edições, até 1987 (pelo Grupo Ação Lésbica-Feminista).

²⁸ COELHO, Nelly Novaes, **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001**. Escrituras Editora, 2002, p. 111.

²⁹ Ver pequeno glossário de identidades lésbicas ao fim da cronologia.

³⁰ Adrienne Rich, Charlotte Bunch, Jill Johnston, Monique Wittig, Mary Daly, Rita Mae Brown, Julia Penelope, Sarah Hoagland (entre outras).

³¹ Afirma-se que Rita Mae Brown foi a primeira ativista a propor um movimento lésbico separatista em 1972.

³² Míriam Martinho e Rosely Roth



1981- Primeiro Encontro de Ativistas Lésbicas do Brasil (durante I Encontro Paulista dos Grupos Homossexuais Organizados (EPGHO))³³



Durante o I Encontro Paulista dos Grupos Homossexuais Organizados (EPGHO), nos dias 25 e 26 de abril de 1981, na Faculdade de Ciências Sociais da USP, ocorreu o primeiro encontro de ativistas lésbicas do Brasil. As ativistas dos Grupos Lésbico-Feminista, Terra Maria, Opção Lésbica (uma divergência do próprio LF, surgido em outubro de 1980), Coletivo Alegria, Alegria, Somos-SP e Facção da Convergência Socialista organizaram reuniões exclusivamente femininas, de onde tiraram como propostas, aprovadas na plenária do evento, a realização de reuniões mensais entre os grupos de lésbicas e a criação de uma organização que englobasse mulheres lésbicas de diversos grupos, além das independentes.



1982 – A Queda para o Alto

No dia 10 de agosto de 1982, falecia Sandra Mara Herzer, egressa da Febem, apadrinhada pelo então deputado Eduardo Matarazzo Suplicy, uma das primeiras lésbicas brasileiras a ter suas experiências de vida registradas em livro (*A queda para o Alto*, Editora Vozes, 1982). Sandra Mara era o que chamamos atualmente de *butch* (*para alguns seria trans*), uma lésbica masculinizada, cuja sensibilidade artística e humana, no entanto, pode ser constatada em sua obra, contrastando com a visão estereotipada das *butches* como simples imitadoras de homens. Baseada na vida de Sandra Mara, em 1987, também o cineasta Sérgio Toledo produziu o filme *Vera*, premiado em festivais nacionais e internacionais de cinema (a atriz Ana Beatriz Nogueira ganhou o Urso de Prata do Festival de Berlim -1987 - por sua atuação como Vera).

1983 – A Primeira Manifestação Lésbica contra o Preconceito e a Discriminação do Brasil

Em 19 de agosto de 1983, em São Paulo, as ativistas do Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) realizam a primeira manifestação lésbica contra o preconceito e a discriminação do Brasil no bar lésbico que frequentavam (Ferro's bar), mas que não lhes permitia vender seu boletim, ChanacomChana, embora outras publicações e produtos fossem vendidos livremente. Com apoio de ativistas gays, feministas e parlamentares, adentraram o bar e exigiram que o dono do estabelecimento assumisse o compromisso de permitir a venda do periódico e não mais hostilizá-las. Um dos maiores jornais do país, a Folha de São Paulo³⁴, fez inesperada reportagem positiva sobre o evento, destoando do tom em geral fortemente preconceituoso empregado para quaisquer notícias sobre lésbicas na época. A data foi posteriormente lançada como Dia do Orgulho Lésbico e aprovada pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em junho de 2008.



³³ RELATÓRIO. I Encontro Paulista dos Grupos Homossexuais Organizados (EPGHO). São Paulo, 1981.2 f.

³⁴ BRICKMANN, Carlos. A noite em que as lésbicas invadiram seu próprio bar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 ago. 1983. Seção Geral, p. 27-28.

1980-1990 -As Lésbicas Pró-Sexo: Sadomasoquistas e Outras Desviantes



Em plena era do feminismo lésbico, integrantes do grupo sadomasoquista SAMOIS (1978-1983)³⁵ se reivindicam publicamente como feministas, provocando enorme polêmica no feminismo estadunidense e na comunidade lésbica não só local como internacional, dividindo-os entre feministas e lésbicas anti- e pró-sexo. Somaram-se a elas, as lésbicas butch-femme³⁶, agora politizadas, como críticas ao feminismo lésbico/radical por seu caráter moralista e repressor da sexualidade feminina. A polêmica foi tanta e de tal repercussão que a década de 80 ficou conhecida como a década das Guerras Sexuais (Sex Wars), e as questões então levantadas reverberam até hoje, além de precederem o nascimento da teoria *queer*.

1982 – A Chegada da AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida)

Embora a AIDS não tenha atingido diretamente as lésbicas (os casos reportados sempre foram raros), a síndrome entra nesta cronologia porque seu impacto também se estendeu sobre as mulheres homossexuais, seja porque muitas se engajaram na luta contra a epidemia, para apoiar amigos gays, seja porque a disseminação das práticas de sexo mais seguro trouxeram a público uma extensiva discussão sobre as sexualidades em geral, incluindo a sexualidade lésbica, possibilitando também os projetos de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, para mulheres que fazem sexo com mulheres, dos anos vindouros.

1987 - I Encontro de Lésbicas Feministas da América Latina e do Caribe - Cuernavaca, México

Organizado de 14 a 18 de outubro de 1987, em Cuernavaca, no México, pelos grupos *Mujeres Urgidas de um Lesbianismo Auténtico* (MULA), *Projeto Editorial El Closet de Sór Juana* e *Seminário Marxista-Leninista Feminista de Lésbicas*, o I Encontro de Lésbicas Feministas da América Latina e do Caribe, tirou, como conclusões, a criação de uma Rede Lésbica Latino-americana; o fomento e fortalecimento de trabalhos e grupos lésbicos e a recuperação da memória lésbica latino-americana.



1987 – Lançado o boletim Um Outro Olhar³⁷ que, a partir de 1995, torna-se revista. Foram publicadas 38 edições da revista Um Outro Olhar (1987-2002).

³⁵ Pat Califia e Gayle Rubin foram as figuras destacadas do grupo Samois que produziu os livretos *What Color Is Your Handkerchief: A Lesbian S/M Sexuality Reader* (1979); *Coming to Power: Writing and Graphics on Lesbian S/M* (1982); Pat Califia escreveu também *The Second Coming: A Leatherdyke Reader* (1990).

³⁶ Entre as b&f, destacou-se Joan Nestle, uma das organizadoras do *Lesbian Herstory Archives* (CEDOC de história lésbica) de Nova Iorque, *femme assumida*, que escreveu o livro *A restricted country* (1987).

³⁷ Para relação de outras publicações lésbicas brasileiras das décadas de 1980/ 90: MARTINHO, Míriam. **1979-2004: 25 Anos de Organização Lésbica no Brasil**. Disponível em: <http://www.umoutroolhar.com.br/simoblos&dias_25anos.htm> Acesso em: 15 de julho de 2009.

1980-1998 – ILIS (Internacional Lesbian Information Service) – Serviço De Informação Lésbica Internacional

O Serviço de Informação Lésbica Internacional se formou dentro da IGA, em 1980, mas, no ano seguinte, decidiu se tornar independente, produzindo vários boletins e organizando conferências internacionais. Teve sedes rotativas nas cidades européias de Amsterdam, Helsinque e Genebra, organizando nesta última, em 1986, sua principal conferência lésbica internacional que reuniu, pela primeira vez, cerca de 600-800 ativistas lésbicas não só da Europa, como também das Américas, África e Ásia. Dela se originaram, entre outros resultados, a realização do I Encontro Lésbico-Feminista Latino-Americano e do Caribe (1987) e a Rede de Lésbicas Asiáticas. Da América Latina, estiveram presentes o Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF brasileiro), o *Grupo de Autoconciencia de Lesbianas Feministas* (GALF peruano), o grupo *Ayuquellén* do Chile e o coletivo mexicano *Mujeres Urgidas de Un Lesbianismo Auténtico* (MULA), que ficou responsável pelo primeiro ELFLAC.³⁸

1990-2009 - As lésbicas, seu(s) movimento(s) e a mídia: das *dyke marches* ao seriado *The L Word*, passando por uma proliferação de sites, blogs, revistas e expressões artísticas, as lésbicas aparecem em seriados, filmes, selinhos entre artistas, casamentos entre celebridades. Nunca se viu tanta visibilidade.

1990 - As Lésbicas Queer

Na década de 90, a teoria *queer* surge para tirar do feminismo o monopólio da análise da questão de gênero e da sexualidade, propondo-se a superar as oposições essencialistas homem x mulher, hétero x homo e a incluir todas as minorias marginalizadas pelas normas sexuais dominantes, dando maior atenção aos processos de formação das opressões do que a afirmação das identidades políticas. Embora acusada, por algumas feministas, de ser androcêntrica e escamotear a relação de dominação do homem sobre a mulher, a teoria queer tem como expoentes algumas feministas, como Judith Butler e Teresa de Laurentis. Polêmicas à parte, a teoria queer proporcionou um reencontro das lésbicas com as outras letras da sigla LGBT e forneceu base para uma multiplicação de identidades lésbicas na década de noventa, peças fundamentais na crescente visibilidade desse segmento perante à sociedade.

1990 - Rede de Informação Um Outro Olhar

Em meados de 1989, surge o terceiro grupo ativista do Brasil³⁹, denominado Rede de Informação Um Outro Olhar, existente até hoje. Influenciado, em seus primeiros anos, pela experiência internacional de criação do Movimento Lésbico, a partir de distintas perspectivas autonomistas, a Um Outro Olhar considera todas as vivências lésbicas, em suas diferentes identidades e formas de organização, como políticas e busca ir ao encontro da população lésbica em suas demandas. Centrada no trabalho de informação, formou acervo específico sobre o

³⁸ MARTINHO, Míriam. Conferência Lésbica em Genebra. **Chanacomchana 10**, São Paulo, jun-set. 1986, p. 20-27.

³⁹ Para relação de outros grupos lésbicos brasileiros das décadas de 1980/ 90: MARTINHO, Míriam. 1979-2004: 25 Anos de Organização Lésbica no Brasil. Disponível em: <http://www.umoutroolhar.com.br/simoblos&dias_25anos.htm> Acesso em: 15 de julho de 2009.

tema bem como publicou 38 edições do boletim e posterior revista Um Outro Olhar. Foi pioneira também nos primeiros debates sobre saúde lésbica no Brasil e o único grupo lésbico brasileiro a encabeçar dois encontros nacionais para a população LGBT (VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais e XIX Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas, ambos em São Paulo).



1993- As Lésbicas e sua Marcha (Dyke Marches)

Criadas pelo grupo Lesbian Avengers (Vingadoras Lésbicas), as caminhadas lésbicas surgiram, em 1993, porque as lésbicas estavam cansadas de trabalhar por questões que não as afetavam diretamente, como a AIDS e o aborto, enquanto suas próprias questões permaneciam sendo relegadas a segundo plano, quando não efetivamente esquecidas, nos movimentos gay e feminista (como registrado pela repórter Eloise Salholz, em matéria para a revista Newsweek). Em busca da visibilidade lésbica e da priorização de suas próprias questões, as *Lesbian Avengers* criaram as dyke marches, que se espalharam por várias cidades estadunidenses e de outros países, numa das grandes contribuições, até hoje, para a consolidação do Movimento Lésbico em todo o mundo. Criaram também várias outras manifestações de visibilidade lésbica destinadas a chamar a atenção da mídia.



1993- VII EBLHO (VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais)

Os grupos lésbicos Rede de Informação Um Outro Olhar e Deusa Terra organizam com grupos gays, o VII EBLHO (VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais), em São Paulo, introduzindo a palavra lésbica no nome dos encontros, antes chamados apenas EBHO (Encontro Brasileiro de Homossexuais), como marcadora da diferença de gênero em relação aos homens homossexuais e da conseqüente visibilidade lésbica. Posteriormente, o site mix Brasil vai também contribuir para a desmistificação e a popularização da palavra lésbica através da sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes).

1995 – Primeira Campanha de Prevenção a Doenças Sexualmente Transmissíveis Para Mulheres Lésbicas

A Rede de Informação Um Outro Olhar dá início a primeira campanha brasileira de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis para mulheres que fazem sexo com mulheres, financiada pelo Ministério da Saúde, composta de folder, cartilha, cartaz, boletim e oficinas sobre saúde lésbica. O projeto teve continuidade através do boletim Ousar Viver e da cartilha Prazer sem Medo até 2001, com reedições da cartilha até 2008, apoiada por outras fontes governamentais.



1995 - Xena, A Princesa Guerreira

Criada em 1995 por Robert Tapert e John Schulian e produzida pela Pacific Renaissance Pictures Ltda em parceria com a Universal Studios, a série narra as aventuras de Xena, uma guerreira em busca de redenção, por seu passado violento, através de lugares mitológicos, acompanhada da ajudante Gabrielle, com quem tinha uma espécie de amizade romântica.

Uma das séries de maior sucesso da história, *Xena: Warrior Princess* durou seis temporadas, foi exibida em 108 países ao redor mundo, criou o conceito de *fandom*, o reino virtual dos fãs do seriado, e o conceito de subtexto. As fãs lésbicas da história logo começaram a ver algo a mais naquele relacionamento tão afetivo entre a princesa e sua ajudante, o que levou os produtores da série a criar falas e situações ambíguas (conhecidas como subtextos), entre as personagens, para alimentar a audiência. Ainda que nunca tenha rolado nada além de beijos, fez a imaginação lésbica voar, iniciando o namoro da mídia com o tema.



1996- I Seminário Nacional de Lésbicas

Organizado pelo Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro, o I SENALE (29/08-01/09), contou com a participação dos grupos Coletivo de Feministas Lésbicas (SP) e Grupo Lésbico da Bahia, além do apoio das ativistas Yalê Mello, Vera Nery e Yone Lindgren.⁴⁰ O evento teve oficinas, grupos de trabalho e mesas de exposição e propôs o dia 29 de agosto como Dia da Visibilidade Lésbica Nacional. Outras versões do SENALE ocorreram em anos posteriores, em diferentes cidades brasileiras, estando agora para ser realizada a sétima edição no norte do Brasil.

1998 – E-Zine Cio

A página Cio para garotas, no Mix Brasil, de Vange Leonel e Cilmar Bedaque, foi uma das pioneiras no trato da questão lésbica na Web. Ainda que com uma linguagem específica de/para lésbicas *clubbers*, o site tratou dos assuntos mais diversificados da vivência lésbica com informação de boa qualidade.

2001 – Encontro sobre Saúde Lésbica em Brasília - encontro de representantes de todos os grupos lésbicos brasileiros da época e de grupos mistos de gays e lésbicas, no Ministério da Saúde, com a CN-DST/AIDS, em Brasília (março de 2001), para reivindicação de políticas públicas, na área de saúde, para mulheres homoafetivas. Estiveram presentes o Movimento D'ellas, Um Outro Olhar, Grupo Lésbico da Bahia (GLB), Coletivo de Lésbicas-Feministas (CFL), Associação Lésbica De Minas (ALÉM), Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro e Movimento de Lésbicas de Campinas (MOLECA), além de 3 representantes dos grupos mistos Nuances, Arco-Íris e Estruturação.⁴¹

2002 – Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras (6 e 7 de Junho)

Após 23 anos do início da organização lésbica brasileira, em 1979, pela primeira vez, o movimento feminista publica oficialmente, na plataforma feminista da Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras, apoio aos direitos humanos de gays e lésbicas. Observando que, no preâmbulo da plataforma, não constava menção à imensurável contribuição das mulheres lésbicas aos direitos das mulheres, a ativista lésbica Vânia Galliciano (ex-Dignidade) chamou a atenção de outra ativista lésbica, Miriam Martinho (Um Outro Olhar), para essa omissão, e esta última redigiu texto corrigindo a falha para qual pediu destaque, aceito por aclamação.⁴²



2003 (junho) – Dias de Comemoração Lésbica - Dia do Orgulho Lésbico, Dia 19 de Agosto

Em homenagem à ativista Rosely Roth, a Rede de Informação Um Outro Olhar decidiu propor o dia 19 de agosto, dia da primeira manifestação lésbica contra o preconceito, no Ferro's bar (SP/SP, agosto/ 1983), da qual Rosely fora protagonista, como Dia do Orgulho Lésbico Brasileiro,

⁴⁰ I Seminário Nacional de Lésbicas: Saúde, Visibilidade e Organização (baseado em artigo de Yone Lindgren enviado à Rede Um Outro Olhar). In **Um Outro Olhar**, n. 25. São Paulo, dez. 96/Abril 97, p. 5.

⁴¹ MARTINHO, Míriam. Ativistas marcam gol na área de saúde. In: **Ousar Viver, Saúde e Qualidade de Vida**. São Paulo, maio/julho 2001, p. 2.

⁴² Conquistas Lésbicas no Movimento de Mulheres. Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras - 6 e 7 junho – Brasília-DF. In: **Um Outro Olhar**, n. 37. São Paulo, 2002, Ano 16, p. 17.

no final de 2001.⁴³ Em 2003, as ativistas Luiza Granado e Neusa Maria de Jesus, então da Rede de Informação Um Outro Olhar e da Associação da Parada do Orgulho GLBT, trabalhando na formação de uma secretaria de lésbicas dentro da associação, para dar destaque à questão lésbica nos eventos comemorativos da 7ª parada do orgulho LGBT daquele ano, organizaram um debate específico sobre a questão lésbica (11/06/2003) e durante o mesmo lançaram oficialmente o Dia do Orgulho Lésbico, dia 19 de agosto. O dia foi lançado tendo em vista estabelecer uma referência histórica de luta e orgulho para lésbicas e que de fato pudesse a vir ser comemorada. Como na versão original da manifestação, a Folha de São Paulo fez uma reportagem sobre o assunto desta feita com Luiza Granado e Neusa Maria de Jesus, pauta que foi, como de costume, reproduzida por outros jornalistas e outros veículos da mídia, dando uma grande divulgação à iniciativa. No dia 19 de junho de 2008, os deputados que integram a Comissão dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa paulista aprovaram o Projeto de Lei 496/2007, do deputado Carlos Giannazi (PSOL), que instituiu o Dia do Orgulho Lésbico no Estado de São Paulo.

2003 – Primeira Caminhada de Lésbicas, Bissexuais e Simpatizantes de São Paulo.

Os grupos UmAs e Outras (SP) e Moleca (Campinas/SP) lançaram a versão brasileira das dykes marches, em junho de 2003, que ficou conhecida como Caminhada de Lésbicas, Bissexuais e Simpatizantes (também já existem outras Brasil afora) no mesmo espírito das originais internacionais, inclusive antecedendo as paradas mistas LGBT. A iniciativa configura o segundo marco de visibilidade lésbica, do Movimento Lésbico Brasileiro, desde a histórica manifestação do Ferro's bar em 1983.

2003 (19 de agosto) – Dia Nacional do Orgulho Lésbico

Lançado publicamente em junho, o Dia Nacional do Orgulho Lésbico foi comemorado pela primeira vez, na sede da organização AÇÃO EDUCATIVA (SP/SP), com festa, oficinas e debates. Mais informações sobre essa edição e as cinco subsequentes em <http://www.umoutroolhar.com.br/simbolos&dias.htm>

2003 (29 de agosto) – Dia da Visibilidade Lésbica

Embora tenha sido proposto em agosto de 1996, durante o I SENALE (I Seminário Nacional de Lésbicas), o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica só foi lançado e celebrado oficialmente a partir de agosto de 2003, comemoração que vem se repetindo anualmente.

2003- 2004 - Redes Lésbicas: surgem a **ABL** (Associação Brasileira de Lésbicas) e a **LBL** (Liga Brasileira de Lésbicas). A ABL foi fundada em 14/05/2004 e conta com 60 integrantes entre ativistas de grupos e independentes.



2004 – The L Word: A Novela das Lésbicas na TV

Criado por Ilene Chaiken e lançado em janeiro de 2004, no EUA, o seriado *The L Word* mostra as vidas de um grupo de amigas lésbicas e bissexuais da cidade de Los Angeles, Califórnia, seus

⁴³ Rosely Roth (21/08/59- 28/08/1990). In: **Um Outro Olhar**, n. 33, Ano 14, Outubro-dezembro de 2001, p. 8.

encontros e desencontros, em meio a muitas cenas de sexo, que cativaram as fãs lésbicas e @s voyeristas de plantão. Durou seis temporadas e rendeu inúmeras reproduções, abrindo um filão que ainda promete muito. Apesar de apresentar lésbicas da classe-média alta americana, um pouco produzidas demais, com algumas exceções, a maior parte das lésbicas se identificou com as situações apresentadas e com suas personagens. Além disso, dos subtextos da *Xena: Warrior Princess* para os finalmentes de *The L Word*, pode-se medir o quanto a sociedade evoluiu na aceitação da visibilidade lésbica.



2006 (18 a 21 de maio) – VI SENALE – RECIFE (PE)

Em consonância com o propósito dessa cronologia de destacar momentos que demarcaram alterações nos rumos da trajetória da organização lésbica no Brasil e no mundo, faz-se necessária menção a essa edição do seminário nacional de lésbicas ocorrido em 2006. Isto se deve ao fato de que este SENALE consolida o processo de feministação do incipiente Movimento Lésbico Brasileiro pelo movimento feminista que se iniciou em 2003 e veio num crescendo deste então. Este SENALE foi organizado fundamentalmente por ativistas feministas não-lésbicas (5) e ativistas lésbicas e feministas (4), a saber dos grupos curumin (feminista), centro de mulheres do cabo (feminista), fórum de mulheres de pernambuco (feminista), divas (lésbico-feminista) e liga brasileira de lésbicas (lésbico-feminista). Dos grupos presentes ao encontro, segundo relatório do mesmo, 28 eram feministas para 21 lésbicos (lembrando que alguns se definem como feministas). Não fosse pela participação de integrantes de grupos mistos LGBT, *apenas citando o aspecto numérico*, poder-se-ia definir este evento como mais uma das realizações do movimento feminista. Apesar da acintosa cooptação, o número de pessoas, cerca de 240, foi considerado representativo do avanço do Movimento Lésbico (sic), mesmo nesse montante ainda constando, além dos grupos feministas, integrantes de outros movimentos.⁴⁴

2006 – 2009- Onda Retrô: De volta ao Feminismo Lésbico (!?)

A evidência obtida pelas lésbicas junto à sociedade, a partir de sua organização autônoma ou com o movimento LGBT, do fim da década de noventa para sobretudo o início dos anos 2000, atraiu a atenção do movimento feminista, ansioso em pegar carona nessa visibilidade e (re)utilizar as lésbicas como corrente de transmissão de suas idéias. A manobra foi claramente percebida por ativistas lésbicas mais experientes, como fica claro pelas palavras de S. Marinho da ILGA-PORTUGAL, ao se referir à Plataforma Nacional da Marcha Mundial das Mulheres do Ano 2000, onde apareceu, entre as muitas reivindicações, o fim da discriminação com base na orientação sexual. Relata ela que esse foi o primeiro passo (em 2000) para uma colaboração entre as organizações de mulheres e as organizações de lésbicas do país, ressaltando contudo que *“esta colaboração parece ter surgido não de uma reflexão emergente das organizações de mulheres relativamente à sexualidade mas sim devido a se estar numa altura em que é*

⁴⁴ VI Seminário Nacional de Lésbicas, 2006, Recife. Relatório final do VI Seminário Nacional de Lésbicas: Movimento de Mulheres Lésbicas como Sujeito Político.

politicamente correcto assumir as reivindicações das lésbicas.” Depois emenda que, **se for útil para as lésbicas essa aliança**, ela deve ser mantida.⁴⁵

No Brasil, passou-se algo análogo: após 23 anos de hostilidades ou negligência, o movimento feminista assumiu a questão lésbica em sua plataforma feminista de 2002 (ver acima em Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras), apontando para que o parecia ser, enfim, um início de reflexões das feministas homossexuais sobre a vivência lésbica dentro de seu movimento e uma possível futura colaboração entre ativistas feministas e lésbicas. No entanto, essa aparência auspiciosa logo se revelou apenas a ponta de lança de um processo de absorção do engatinhante Movimento Lésbico pelo velho movimento feminista tanto que, nos anos subsequentes à conferência, eventos lésbicos, como o SENALE (ver acima), passaram a ser organizados por grupos inclusive de feministas heterossexuais (fato inédito no mundo, salvo engano) e as caminhadas lésbicas viraram micro-8 de marços (Dia Internacional da Mulher) com reivindicações sobre a descriminalização do aborto e elegias a um suposto mundo menos violento feminista. A julgar pelo processo aqui descrito, torna-se difícil acreditar que tal mundo possa existir em qualquer tempo. Obviamente, esse processo de diluição da especificidade lésbica, na pauta feminista, representa uma (re)heterossexualização do Movimento Lésbico e sua consequente extinção, já que o que distingue este movimento como tal é sua homocentralidade e consequente diferenciação tanto do movimento LGBT quanto do movimento feminista.

Nesse contexto, têm surgido vários grupos que se auto-intitulam lésbico-feministas no país, contudo, não é possível saber se tal denominação tem relação com as correntes ideológicas do feminismo lésbico das décadas de 70-80 ou se definem apenas a junção que a ala lésbica do movimento feminista, ao se assumir finalmente, fez dos dois adjetivos que a identificam. Percebe-se que algumas ativistas fazem referência às citadas correntes, mas a maioria, se as conhece, parece ser só de orelha. De qualquer forma, para quem acompanha a evolução da organização lésbica mundial, tudo isso parece muito retrô em todos os sentidos.



2000-2009 – blogs e estudos lésbicos

Apesar dos tropeços do ativismo tupiniquim, as lésbicas continuam no Brasil e no mundo em sua saudável organização em torno de suas próprias vidas, anseios e necessidades. Nos últimos dois anos, o mais recente fenômeno de articulação lésbica se deu em torno do que ficou conhecido como lesbosfera, o *boom* dos blogs lésbicos na Internet, onde as lésbicas produzem literatura lésbica, reflexões lésbicas, contatos lésbicos e tudo mais que Safo possa imaginar. À parte isso, no exterior, acadêmicas lésbicas, desde os anos 90, vêm num crescendo buscando formar não mais os estudos feministas, LGBT ou queer, mas sim os estudos lésbicos, propondo até mesmo uma separação entre a teoria lésbica e a feminista. Nas palavras de Tamsin Wilton (1952–2006), ativista e teórica lésbica, em seu ***Lesbian Studies, Setting An Agenda*** (Estudos Lésbicos, Estabelecendo uma Pauta): *o fracasso tanto de feministas quanto de teóricos queer em lidar com as lésbicas implica que as lésbicas precisam se organizar separadamente. E tal constatação configura mais do que uma solução pragmática para o problema da invisibilidade e da*

⁴⁵ MARINHO.S. Painel: LGBT e outros movimentos sociais. In: **GTH-PSR 10 anos de luta pelo direito à felicidade, Encontro Internacional Lésbico, Gay, Bissexual, Transgender e simpatizante**. Teatro da Comuna (Pç. Espanha), Portugal.

marginalização, já que são as lésbicas as que se encontram numa posição única de avançar, de uma forma radical e excitante, a teoria e a política em torno do gênero e da sexualidade... Marginalizadas e oprimidas em ambos os campos, as lésbicas, como mulheres queer, são as únicas que estão em posição de desenvolver uma política verdadeiramente radical sobre gênero e sexo. Não por acaso, os trabalhos mais radicais sobre gênero e sexualidade são atualmente produzidos por lésbicas (WILTON, TAMSIN. **Lesbian Studies, Setting An Agenda**. Kentucky (USA) : ROUTLEDGE, 1995. p.95).

Glossário de termos ativistas e identidades lésbicas empregados neste texto

androcêntrico: centrado nos homens (homossexuais).

heterocêntrico: centrado nas relações heterossexuais

ginocêntrico: centrado nas relações entre mulheres

butch (fancha, bofinho): lésbica de aparência masculinizada que prefere parceiras femininas

femme (lady): lésbica de aparência feminina que prefere parceiras masculinas

gay women: mulheres homossexuais simplesmente

queer girls/lesbians: lésbicas que se identificam como dissidentes sexuais

dykes: antes simplesmente lésbicas masculinizadas; depois, lésbicas de atitude; hoje lésbicas em geral ou ligadas a grupos de rock

lipstick lesbians: termo pop para definir lésbicas femininas que preferem outras do mesmo estilo.

Lesbian chic: termo pop para lésbicas femininas e produzidas.

Riot grrl: lésbicas de bandas punk de inspiração feminista.

Clubbers: lésbicas da subcultura das raves, danceterias, música techno.

BIBLIOGRAFIA

BELLINI, Lígia. *A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colônia*. São Paulo: editora Brasiliense, 1987.

BROWN, Judith c. *Atos impuros: a vida de uma freira lésbica na Itália da renascença*. São Paulo: editora Brasiliense, 1986.

CASTRO, Francisco José Viveiros de. *Attentados ao pudor (estudo sobre as aberrações do instinto sexual)*. 3ª ed. Vol. P. Vi. Rio de Janeiro: livraria editora freitas bastos, 1934.

FADERMAN, Lillian. *Surpassing the love of men: romantic friendship and love between women from the renaissance to the present*. London: The Women's Press Limited, 1985.

HOAGLAND, Sarah Lucia. *Lesbian ethics, toward new values*. Palo Alto, California: Institute of Lesbian Studies, 1988. Wilton, Tamsin. *Lesbian studies, setting an agenda*. Kentucky: routledge, 1995.

JENNINGS, Rebecca. *A lesbian history of Britain*. Oxford/Connecticut: Green Wood World Publishing, 2007.

**SEM ORGULHO NÃO HÁ VISIBILIDADE!
19 DE AGOSTO, DIA NACIONAL DO ORGULHO LÉSBICO
1979-2009 – 30 ANOS DO MOVIMENTO LÉSBICO NO BRASIL**



19 de Agosto - Dia do Orgulho Lésbico no Brasil by [Míriam Martinho](#) is licensed under a [Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License](#).

**Apoio: Rede de Informação Um Outro Olhar
Rua João Diomedes Leônidas, 96, Jardim Bonfiglioli
São Paulo, SP, CEP 05594-030
uoo@umoutroolhar.com.br
<http://www.umoutroolhar.com.br/>**